

Anno I

**MERCURIO**

N.º 7

ORGAM DA CLASSE CAIXEIRAL

DESTERRO, 7 DE FEVEREIRO DE 1886

**HOMENAGEM**

A'S

**Distinctas sociedades carnavalescas**

**BONS ARCHANJOS**

E

**DIABO A QUATRO**

## MERCURIO

Desterro, 7 de Março de 1886

Dedicando hoje a nossa folha ás sociedades carnavalescas *Bons Archangjos e Diabo a Quatro*, fazemo-lo inspirado na convicção de que obedeçamos ao mandado da nossa própria vontade.

Incansavel no serviço de apothecear as concepções que traduzem a verdade do espirito que deve influenciar na actualidade, o «Mercurio», organo de classe modesta, mas nobre por todos os titulos, abortaria no cumprimento do dever, si não viesse hoje, interpretado por uma phraseologia vulgar, sem atavio algum, render uma homenagem muito sincera a esses gremios, cujo passado é o historico das mais dignas conquistas nos arraias do folguedo.

Fundadas ha 7 anno sob o impulso vigoroso d'essa força de vontade ferrea, cujos principios garantem sempre a realisacão das mais nobres idéas, ellas devem o não terem desapparecido de ha muito, aos esforços homericos d'aquelles a quem a perseverança e a energia jamais abandonarão, sempre que fór mister ter de pé e em actividade toda e qualquer instituição que possa espalhar utilidade por sobre esta capital.

Reconhecendo nós que o «carnaval» no Desterro, antes de ser um meio de, em tempo preciso, dar-se campo á expansividade do espirito que caracteriza á mocidade, é um elemento a agir felizmente pela manutenção da moralidade que deve presidir ao acto publico do cidadão, porquanto, no objecto da critica bem comprehendida, analysa decente e imparcialmente os acontecimentos que mais chamam a si a attenção geral, não podemos furtar-nos a prestar o nosso pouco valioso, porém muito franco apoio, ás congregações de individuos que pretendem imprimir um caracter alegre a esta quieta

cidade, durante os trez dias consagrados ao volavel deus «Momo».

Tal diversão, tendo entre nós tocado á meta do util e do bello, o incognito que aprecia-a, ahí encontrará um caracteristico muito fiel do nosso aperfeiçoamento; pelo que é impossivel, sem fazer-sejus ao qualificativo de pessimista, taxar de desastrado o modo por que pomol-a em pratica.

Sempre que parte de um povo manifesta uma tendencia que se adapta á marcha da civilização, ao to-lo cumprir prestar-lhe o indispensavel apoio, sendo que este pode proceder de dois pontos distintos: do esforço que garante a infallibilidade do fim, ou da condescendencia que dá margem á disposição do meio.

D'ahi resulta que ninguém, francamente, pôde hoje mostrar-se infenso ás festas que vão começar; além de que uma vez que estas conseguiram salientar-se de todas as outras quer religiosas, quer profanas, a cidade do Desterro desceria na escala do conceito estranho si os seus habitantes deixassem de realisar-as mais uma vez.

Por conseguinte, não ha que duvidar: o «carnaval» de 1886, excederá no Desterro ao contorno que a nossa imaginação está tracando, visto que as dignas sociedades *Bons Archangjos e Diabo a Quatro*, necessariamente exhibir-se-ão com o mesmo brillantismo que nos faz recordo-se a mais viva, com a mais digna satisfação a historia de hontem.

Ora, á vista da razoabilidade do que deixamos exposto, é justo que «Mercurio» tire o barrate á passagem de «Momo» pelo anno corrente. □/

E, de facto, é o que faz.

## MOCIDADE,

ide, como um exercito bem disciplinado admirar as duas formosas guerreiras de 86: — *Bons Archangjos e Diabo a Quatro*;



e quando o clarim do felizado Archânjo  
e a algazarra febril e sympathica da  
diabruca, ferindo o silencio que adorme-  
ce as palpebras nervosas da atmosphe-  
ra abalar a placidez terrestre, levantai  
a fronte galharda e repleta de mimosos  
attrativos e deixai partir do peito, arre-  
batante como os accordes suaves de  
uma walsa um admiravel, estrepitoso  
—bravo!

Vencida ou vencedora, qualquer das  
duas formosas carnavalescas são dig-  
nas da homenagem que presta-lhes este  
modesto organ de publicidade e dos  
agradecimentos publicos.

Saudando o carnaval de 1886, dese-  
jamos ás duas sociedades que —flores,  
muitas flores impulsionem-lhes a vida  
a demandarem por largos annos o porto  
do prazer, da uniao e da harmonia.

Octavio.

## SALVAS

A onda popular agita-se repentina-  
mente.

Bravos!... eil-as que despontam gar-  
bosamente brilhantes e brilhantemente  
garbosas!

A «Bons Archânjos», a par de um luxo  
que deslumhra, offerece á apreciação pu-  
blico obras de alta importancia artistica,  
e a «Diabo a Quatro» traz o espirito fino  
da allusão perfeitamente disposta, clara,  
sob uma apparencia não menos digna,  
do que a da sua rival!

Abrem-se as cellas!... alama do povo,  
que se acotovella para ficar sabida aos  
applausos que estrepitam.

Confundem-se as cousas.

O ancião grave e sério, queda-se na  
praca publica para fazer cômô á exponta-  
nea gargalhada do moleque que pula,  
que saltita satisfeitamente!

A janella, a velha que ri ao lado da  
donzella que analysa a phantasia do na-  
morado, presume-se de novo transporta-  
da ao periodo dos quinze annos!

Não apparecem as rugas daquella  
physionomia sexagenaria, gasta, porque  
o riso, o primogenito do prazer, localisou-  
se ali, temporariamente.

As notas que soam as philarmoni-  
cas, que marcham á frente dos «ban-  
dos», combinadas com o bello das phan-  
tasias, que brilham, injectam vida, muita  
vida, nas artérias da populaca!

Parecem que as cousas riem-se, em-  
quanto a brisa serenamente passa ento-  
ando hymnos ao publico que folga...

O sol, desapparecendo já atravez do  
horisonte, heja ainda satisfactoro dourado  
dos carros que rodam paulatinamente...

Assim desfilam os prestitos.

E as chimeras, em bando, esvoaçam  
por sobre o trabalho que dormita no  
centro d'esse torneio da folgança!

Lis o que será do carnaval de 1886,  
já salivamos antecipadamente.

Thales.

## O CARNAVAL

Se ha um facto que demonstra o quanto esta-  
mos adiantado em civilisação, é sem duvida as  
festas que rendemos todos os annos ao deus Mo-  
mo.

Assim não pensão muitos retrogados, verdadei-  
ros inimigos de tudo que se diz progresso, que  
enxergão no carnaval um esbanjamento de di-  
nheiro, uma orgia e outras coisas mais proprias  
de cerebros escuros.

Nós, a mocidade, o futuro brilhante d'esta  
briosa terra, pensamos que é preciso nos diver-  
tir porque somos moços e os divertimentos não  
se fizeram para os velhos.

Por este motivo dedicamos hoje a nossa mo-  
desta folha ás duas distinctas sociedades carna-  
valescas Diabo a Quatro e Bons Archânjos,  
desejando que nas suas passagens colhão somen-  
te risos e flores, partilhas do bello sexo Dester-  
rense.

Euclydes Wagner



## Poesias

### Aos Bons Archangjos

Do concavo do Ethereo  
hã de cahir, cahir em vossos largos hombros  
um turbilhão de sóes, um turbilhão de as-  
sombros,

n'um profundo mysterio,  
que hãvemos de ficar extaticos, nervosos,  
contemplando da tumba os Anjos magestosos  
que parecem voar e ter por sobre as azas  
bonitas, multicôres,  
um fluido de metal, expargido nas casas  
uma alegria doce, e pétalas de flôres...

Dos Archangjos o bando  
todo muito triumphante, artistico, parece  
que nos ha de chegar, sublime, rutilando,  
como uma porção de astros  
que da curva celeste o manto azul floresce,  
deixando no passar esplendurosos rastros,  
deixando muita luz em projectados prismas,  
que nos arrumam n'altas espumações de seismas!

Um sangue luminoso, ardente e avigorante  
que corra e que palpite em vossos cora-  
deixando sobre o povo um extase vibrante  
cheio de muita vida e de allucinações.

Dos vossos peitos dentro, a forte luz que ex-  
ploze

estilhaços veris de idéas gigantescas,  
que pulse, e pulse, e pulse em viva apothoese,  
o pulmão das gentis cousas carnavalescas!...

Victor Rangel.

### O PAGEM

Densa era a sombra que do archabia,  
O castello em silencio repousava;  
E o pagem que no carcere jazia.  
Em lagrimas banhado assim chamava:

« Insensato que fui! esta utopia  
Tão alto se elevou—que eu só pensava  
N'ella... a filha do rei!... Tal ouzadia  
Esta prisão fatal me reservava!... »

N'isso, entre as grades da prisão escura  
Apparece uma virgem bella e pura...  
—« Que vens fazer aqui, princeza? O'louca!... »

—« Eu louca? sim... que enlouqueci d'amores;

« A escollar l'orme além, nos arredores...  
« Sou filha do rei,—beija-me a bocca!

Mucio Teixeira.

### O PÉ

A prima do meu amigo  
tem pés de tamanho tal,  
que não são pés— são perigo,  
não fazem bem, fazem mal...

Quando tu me apresentaste,  
(que maganão que tu és)  
aposto que te enganaste  
ou fizeste de sonso,  
devias ter dito: Affonso,  
eu te apresento estes pés.

Nem fumadores de opio  
pés assim podem sonhar;  
vou comprar um microscopio  
para os poder contemplar.

Fosse eu tu, e quando andasse  
das multidões atravez,  
diria a quem perguntasse:  
—E's primo d'aquella moça?  
—D'ella não... olha como?  
—Ouça  
sou primo só dos seus pés!...

Que estes versos lhe não contem  
como eu me sinto captivo,  
são pés no diminutivo,  
parecem nascidos hontem.

Tão pequenos, tão sympathicos  
saltam, no entanto, por dez...  
Mimosos homopathicos,  
valem mais que o corpo acima,  
Em summa: essa tua prima  
é prima que prima em pés

Afonso Celso Junior.